

CARTAS DE ALGUNS JUDEUS PORTUGUESES, ALEMÃES E POLONESES A VOLTAIRE.*

Inácio Strieder**

Resumo.

Já em 1781 as Cartas de alguns judeus, portugueses, alemães e poloneses a Voltaire tiveram a sua 5ª. edição francesa. Voltaire classificara esta obra como “uma obra atrevida, indecente, boa somente para críticos sem gosto e que de nada serve aos homens de bem um pouco instruídos”. Embora poucos comentaristas de Voltaire façam menção a estas Cartas, elas, de fato, demonstram que Voltaire, ao menos em relação aos judeus, nem sempre foi tão tolerante e sem preconceito como alega ser. Embora Voltaire promettesse corrigir algumas de suas opiniões errôneas e erros óbvios, apontados pelos judeus, constata-se que, contudo, isto não aconteceu. Para isto basta conferir o seu Dicionário filosófico, a sua Filosofia da história, suas Cartas filosóficas e seu Tratado sobre Tolerância. Por isso, para não se assimilar simplesmente os equívocos de Voltaire, é necessário conferir as contestações de seus interlocutores.

* Comunicação apresentada no VII Encontro Nacional da ANPOF, em Águas de Lindóia / SP, de 20 a 23 de outubro de 1996.

** Inácio Strieder é Professor do Mestrado em Filosofia da UFPE.

Em 1994, por ocasião do Tricentenário de Nascimento de Voltaire, prestaram-se algumas homenagens a este pensador do Iluminismo. Em 1995 a UNESCO promoveu debates internacionais sobre a Tolerância, recordando o empenho de Voltaire pela tolerância. As múltiplas referências, nos últimos tempos, a este homem genial e polêmico do Século XVIII, motivaram esta minha comunicação.

Para não repetir o óbvio, vou-me deter, nesta comunicação, a uma obra, pouco conhecida, de crítica a Voltaire. Refiro-me às “Cartas de alguns judeus portugueses, alemães e poloneses a Voltaire”. Já em 1781 esta obra, em 3 volumes, estava na 5ª edição na França. Tenho em minhas mãos a edição espanhola de 1822, traduzida do francês.

Estas “Cartas de judeus a Voltaire”, com comentários, foram escritas por iniciativa de líderes judeus de vários países europeus, com o intuito de defenderem o povo judeu das frequentíssimas referências desabonadoras de Voltaire aos Livros Sagrados e aos costumes dos judeus antigos e modernos. Em inúmeros escritos, mas principalmente em sua “Filosofia da História”, no “Dicionário Filosófico” e no “Tratado sobre a Tolerância”, Voltaire qualifica os judeus antigos como povo bárbaro, ignorante, intolerante, antropófago, etc...

Muitas destas referências se fundamentavam em interpretações equivocadas do Antigo Testamento e das tradições judaicas. A maneira sarcástica com que Voltaire, muitas vezes, se referia aos judeus, realmente não podia deixar o judaísmo indiferente. Em suas referências aos judeus, Voltaire não foi nada tolerante, nem procurou julgar com veracidade os fatos que comentava. Esta atitude de Voltaire mereceu que os autores das “Cartas” o qualificassem como mentiroso, superficial, panfletário, intolerante. Estas críticas a Voltaire, em seu tempo, hoje quase sempre são omitidas quando se trata deste filósofo do Iluminismo. Julgo importante que os comentaristas de Voltaire, ou de qualquer outro filósofo, não procedam como os oradores

fúnebres, que somente elogiam as supostas virtudes do morto e nada dizem de suas fraquezas. Os filósofos não podem proceder assim. Por mais que se goste de um filósofo é preciso mencionar criticamente os vários aspectos de quem comentamos; e apenas valorizarmos os pensadores na medida em que o merecem.

Diante das críticas dos judeus, Voltaire se mostrou profundamente irritado e declarou que estas “Cartas” eram uma obra “atrevida, indecente, boa somente para críticos sem gosto, e que de nada serve a homens de bem, um pouco instruídos”. Embora reconhecesse que era homem e, por isto, falível como qualquer um, contudo nunca chegou a corrigir efetivamente os equívocos cometidos. Mesmo com a irritação de Voltaire, grande parte dos periódicos da época se pronunciavam favoravelmente em relação às “Cartas dos judeus”. Um destes periódicos escrevia: “Estas cartas foram realmente escritas por judeus, cujo objetivo é justificar sua nação, acusada por Voltaire, e dissipar alguns erros em que incorreu, falando dos Livros Sagrados... Estas Cartas merecem ser lidas... Conviria muito que seus autores continuassem o comentário das obras de Voltaire... (manifestando) os erros, as citações falsas, as conclusões equivocadas de que encheu a relação que nos dá da História. E que não se esqueçam as demais produções literárias deste grande homem”.

Em outros pronunciamentos a favor das “Cartas”, tanto na França como na Inglaterra, se afirma que elas são uma excelente refutação dos ataques de Voltaire à Bíblia. Qualificam a Voltaire de orgulhoso, autor superficial, plagiador de outros autores; um escritor sem juízo e com demasiada imaginação; contraditório, ignorante nas línguas que confessa conhecer (latim, grego, hebraico); ignorante quanto a autores, geografia e história.

Diante dos apoios às “Cartas”, Voltaire, mais uma vez, se irrita profundamente e chama seus críticos num seu texto sobre a “Tolerância extrema” de “simples ignorantes, imbecis exaltados, etc...”.

Diante desta polêmica é necessário perguntar-se se realmente Voltaire tinha prevenções contra os judeus, e se com seus escritos equivocados tentava diminuí-los e desprestigiá-los, provocando assim a indignação das lideranças religiosas e intelectuais dos judeus do século XVIII.

Bem. Basta um lance de olhos para alguns verbetes do “Dicionário Filosófico” de Voltaire para constatar que muitas vezes recorre ao Antigo Testamento para exemplificar as suas considerações. E nestas referências, de fato, Voltaire faz afirmações que não podiam deixar os judeus indiferentes. Vejamos alguns exemplos.

No verbete “Abraão” Voltaire afirma:

“Abraão é um desses nomes célebres na Ásia Menor e na Arábia, como Tot entre os egípcios, o primeiro Zoroastro na Périsa, Hércules na Grécia, Orfeu na Trácia, Odin nas nações setentrionais e tantos outros mais conhecidos por sua celebridade do que por uma história bem comprovada. Não falo aqui senão da história profana, pois quanto à dos judeus, nossos mestres e nossos inimigos, em quem cremos e a quem detestamos, tendo sido a história desse povo visivelmente escrita pelo próprio Espírito Santo, temos por ela os sentimentos que devemos ter. Dirijo-me apenas aos árabes; que acreditam ter sido esse patriarca o fundador de Meca, onde teria morrido. O fato é que a raça de Ismael foi infinitamente mais favorecida por Deus do que a raça de Jacó. Uma e outra, é verdade, produziu ladrões. Mas os ladrões árabes foram incomparavelmente superiores aos ladrões judaicos. Os descendentes de Jacó não conquistaram mais

que uma faixa de terra insignificante que depois perderam. Os descendentes de Ismael avassalaram parte da Ásia, parte da África e parte da Europa, edificaram um império mais vasto que o império dos romanos e enxotaram os judeus de suas cavernas – que estes chamavam terra da promessa”.

Só este texto bastaria para justificar a reação dos judeus: Abraão um personagem mitológico; as lendas árabes com mais credibilidade do que a história dos judeus; os judeus menos favorecidos por Deus do que os árabes (até em relação aos seus ladrões); os judeus um povo bárbaro, morando em cavernas... E o verbete de “Abraão” não para por aqui. Para Voltaire, Abraão no Egito mente ao rei de Mênfis, tirando proveito da beleza de sua mulher, dizendo que era sua irmã; no deserto de Cades mais uma vez mente, expondo sua mulher para, em troca, conseguir ovelhas, bois e servos.

No mesmo “Dicionário Filosófico”, no verbete “Antropófago”, Voltaire, de uma forma objetivamente equívoca, tenta provar que os judeus antigos comiam carne humana, quando escreve:

“... há muito mais exemplos de meninas e meninos sacrificados que de meninos e meninas comidos. Os judeus imolavam-nas. É o que se chamava o anátema – um verdadeiro sacrificio. Ordena-se no capítulo 27 do Levítico não se pouparem as almas viventes prometidas, porém em ponto algum se prescreve que seriam comidas. Isto era outro caso: tratava-se exclusivamente de uma ameaça. Como vimos, disse Moisés aos judeus que caso não observassem as cerimônias, não só teriam sarna,

como as mães comeriam seus próprios filhos. Positivamente, no tempo de Ezequiel, os judeus deviam comer carne humana, pois diz esse profeta no capítulo 39 que Deus os faria comer não apenas os cavalos dos seus inimigos, mas ainda os cavaleiros e os outros guerreiros. É positivo. De fato, por que não teriam os judeus sido antropófagos? Seria a última coisa a faltar ao povo de Deus para ser a mais abominável nação da terra”.

Neste texto Voltaire realmente comete um equívoco imperdoável. Pois, quando Ezequiel se refere aos cavalos e cavaleiros que seriam comidos, não diz que os judeus os comeriam, mas que eles seriam repasto das aves de rapina e das feras. Diante do óbvio equívoco, Voltaire prometeu corrigi-lo. Mas a verdade é que nas edições posteriores do “Dicionário”, a versão equivocada se repete.

Quando Voltaire fala da adoração do boi “Ápis” no Egito, declara que nunca conheceu “um povo mais desprezível do que os egípcios”. E em relação à circuncisão dos judeus, afirma que este costume foi assimilado dos egípcios, sugerindo que um costume assimilado de um povo desprezível permanece desprezível no povo que o adotou.

Moisés é, para Voltaire, um chefe sanguinário e cruel, guia de “um bando de judeus vagabundos no deserto”. Para Voltaire, é impossível que, historicamente, Moisés seja o grande legislador do Pentatêuco, e que tenha escrito no deserto o que lhe é atribuído. Para isto lhe teriam faltado os instrumentos e o material, pois escrever tudo sobre pedra teria sido impossível. Além disto, nunca os judeus poderiam ter reduzido a pó o bezerro de ouro, pois reduzir ouro a pó exigia alta tecnologia, que certamente os judeus de Moisés não tinham à disposição no deserto.

Salomão não podia ter herdado tamanha riqueza de seu pai Davi, pois um tesouro do tamanho que se diz ter herdado, segundo os cálculos de Voltaire, não existia em toda a terra. Salomão também não escreveu o que lhe atribuem. Como poderia ter escrito um livro como o “Cântico dos Cânticos”? O livro da Sabedoria, segundo Voltaire, teria sido escrito por Jesus, filho de Siraque, ou Fílon de Biblos, e afirma que, na época em que foi escrito, ainda não existia o Pentatêuco. O que, segundo os judeus, autores das Cartas, seria um absurdo. Pois, se o autor foi Jesus, filho de Siraque, o Pentatêuco só teria sido escrito nos últimos séculos antes de Cristo; se o autor foi Fílon de Biblos, ainda seria pior, pois Fílon de Biblos teria vivido no Segundo século depois de Cristo. Portanto, seria um absurdo que no 2º século depois de Cristo o Pentatêuco ainda não existisse.

Em relação à história dos reis de Israel, Voltaire diz que “se o Espírito Santo escreveu esta história, não escolheu um assunto muito edificante”. Em outra oportunidade escreve que é extremamente paradoxal que os judeus, sendo um povo detestável, continuem sendo considerados os pais de nossa fé. Termina o verbete sobre “Salomão”, no Dicionário Filosófico, dizendo: “Nós abominamos os judeus, e queremos que tudo o que por eles foi escrito e por nós recolhido traga o sinete da Divindade. Jamais se viu contradição tão palpável”.

Bem. Tenho a impressão que estas poucas referências de Voltaire aos judeus, coletadas entre muitas outras, já são suficientes para mostrar que Voltaire tinha sérias prevenções, para não dizer preconceitos, contra os judeus. E, por isto, em seus escritos os trata, inúmeras vezes, com sarcasmo cruel. Isto torna compreensível que as lideranças religiosas e intelectuais dos judeus, na época, se sentissem desafiadas e reagissem com as “Cartas”, e se defendessem em alto nível. As “Cartas a Voltaire” comprovam que entre os judeus havia pessoas de alto nível intelectual, capazes de enfrentar com gabarito as manipulações, mentiras e deficiências científicas das afirmações de Voltaire.

Voltaire, inclusive, não tinha outra alternativa do que admitir alguns de seus equívocos, embora quase nunca os corrigisse, posteriormente, como prometia. Na verdade, Voltaire, nunca se conseguiu livrar de muitas das acusações dos judeus, principalmente em relação à sua superficialidade, falta de rigorosidade e ignorância em relação a muitos assuntos que comentava. Claro, a exegese de hoje, muitas vezes, nem concorda com a exegese de Voltaire, nem com a dos judeus do século XVIII. Mas nem por isto podemos simplesmente ignorar os equívocos de Voltaire, espalhados por sua vasta obra, que passa de 100 volumes. Nos 84 anos de vida Voltaire escreveu como poucos. Seu estilo era vibrante. Ainda hoje é fascinante ler suas obras. Mas fica a pergunta: até que ponto um filósofo de hoje pode confiar nos raciocínios de Voltaire, sem considerar as objeções às suas afirmações.

Voltaire se declara o homem mais tolerante do mundo, mas ao mesmo tempo faz afirmações e comentários sem a devida rigorosidade e tolerância sobre os judeus. Diante disto, será que ainda merece o crédito dos filósofos. Será válida a explicação de Voltaire, quando diz que queria que o lessem, mas não se importava se alguém acreditasse nele?

Sem dúvida, Voltaire tem o mérito de ter lutado contra as superstições e as intolerâncias da humanidade, mas, com certeza, não foi tão tolerante em relação aos judeus. Em relação a isto as “Cartas de alguns judeus portugueses, alemães e poloneses e Voltaire” serão uma eterna acusação.

Quanto ao “Dicionário Filosófico” de Voltaire, pessoalmente me pergunto: este “Dicionário”, de fato, é um dicionário de filosofia? No meu entender, mais parece uma obra panfletária, cheia de sofismas, com algumas idéias válidas, ao lado de grande quantidade de afirmações sem a comprovação devida. Diante disto, parece-me também superficialidade de alguns filósofos atuais quando recorrem a estes verbetes, sem crítica, e os usam para fundamentar seus raciocínios. Talvez até

fosse aconselhável atender ao que o próprio Voltaire aconselha no verbete sobre as superstições, onde diz:

“Guardai-vos de instituir um culto para certos patifes que não têm outro mérito que a ignorância, a vivacidade e a sordidez... merecerão por acaso a apoteose depois da morte”?

É claro que com isto não quero desmerecer as conseqüências positivas da “Era de Voltaire”, que lutou contra superstições, intolerâncias políticas e religiosas, e abriu caminhos para um melhor uso da racionalidade entre os homens.

Referência Bibliográfica.

CARTAS DE ALGUNOS JUDIOS PORTUGUESES, ALEMANES Y POLACOS Á VOLTAIRE. Madrid, Oficina “Don Francisco Martinez D’Avila”, 1822, v. I, v. II, v. III.